

PELOS RASTROS DA VIDA: uma breve história da vida de Frans Post¹

Francisco Isaac D. de Oliveira^()*

Resumo

O texto apresenta uma breve biografia do pintor Frans Post, partindo dos raros documentos de sua vida. Podemos citar o retrato executado por Frans Hals e o levantamento bibliográfico realizado por nomes como os de Pedro e Bia C. do Lago, Leonardo D. Silva e o embaixador Joaquim Souza Leão. A investigação da vida do artista se faz necessária para o entendimento de sua obra, tendo em vista que a obra não nasce sozinha, ela foi executada e simbolizada pela cultura humana, por meio do homem, por Frans Post. A metodologia propõe o “enlace” dos textos escritos e das imagens para assim montarmos um pensamento mais próximo possível da personalidade de Post.

Palavras-chave: Frans Post. Paisagem. Arte Holandesa.

Abstract

This paper presents a brief biography of painter Frans Post stemmed from rare documents of his life, among which are his portrait by Frans Hals and biographical surveys by Pedro and Bia C. do Lago, Leonardo D. Silva and ambassador Joaquim Souza Leão. Research the artist's life is needed to understand his work, which was performed in and later became symbol of human culture, the same culture Frans Post lived, belonged and represents. I intend, with this paper, to build the Post's personality as close as possible through a methodology that link pictures and written texts.

Keywords: Frans Post. Landscape. Dutch Art.

INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios para um pesquisador na ciência histórica é começar um trabalho com poucas fontes (documentos textuais) sobre a uma personagem primeira onde toda a pesquisa gira em torno dela.

Não ter muitas informações sobre a história de vida, uma boa – e segura – biografia sobre a carreira de Frans Post é um problema.

¹ Esse texto é parte integrante da dissertação “O MUNDO CRIADO PELAS IMAGENS: paisagens e espaços coloniais na obra do holandês Frans Post” defendida em agosto de 2013 no PPGH-UFRN, sob orientação do Prof. Dr. Francisco das C. F. Santiago Jr.

^(*) Professor de História da Arte na Universidade Potiguar – UnP Natal/RN.
E-mail: isaakdantassotemum@hotmail.com.

Ao voltar para a Holanda, em 1644, jamais se desapegou da paisagem brasileira e, graças aos esboços que pôde elaborar nos seus sete anos de Brasil (1637-1644), ele compõe os seus quadros cheios de cores e elementos tropicais. Os esboços da paisagem e de detalhes outros, produzidos anteriormente para o Conde de Nassau, foram decisivos na criação dos seus novos quadros, com temas brasileiros, pintados entre 1647 e 1669. (SILVA, 2011. p. 254).

Nesta pesquisa me deparo com uma moeda na qual, de um lado, existe a coroa com uma vasta produção bibliográfica sobre o Brasil holandês, sobre Maurício de Nassau e seu modo de administrar a colônia. Uma bibliografia que vai fundo na tentativa de problematizar o período de 24 anos que o holandês conquistou, dominou e colonizou boa parte da região norte das Índias Ocidentais. Do outro lado da moeda, onde deveríamos ver a cara, não existe muito material biográfico sobre a vida do pintor que foi Frans Post.

A biografia de Frans Post feita por Houbraken, publicada no início dos anos 20 do século XVIII, não é a melhor fonte para buscar informações seguras sobre o nosso pintor. Segundo Pedro e Bia Corrêa do Lago o texto contém falhas de datas e de informações, sendo confuso em muitos momentos. Mas vale ressaltar a importância deste material biográfico sobre Post, uma vez que é o primeiro texto que se preocupou em mostrar a vida do pintor de paisagens coloniais, que foi Frans Post. O interesse de Houbraken em 1719 é a prova que Post foi bem reconhecido no seu tempo.

É importante, antes de investigar o tema do olhar europeu na pintura de Frans Post, demonstrar o homem que foi e a “fortuna crítica” sobre sua obra, discutindo suas principais linhas interpretativas.

Dentro desta perspectiva, o nosso trabalho insere-se na preocupação de entender as paisagens americanas de Frans Post como suporte para o olhar seiscentista, como o mundo visual que Post constituiu nas suas imagens acabou influenciado o imaginário dos holandeses sobre a terra que eles comandavam. Post é aqui encarado como um “autor”, um mecanismo de análise pela qual nós organizamos a observação do mundo visual realizada num conjunto de telas classificadas no gênero da paisagem.

Na falta de fontes textuais seguras sobre o personagem Frans Post, vamos privilegiar, no primeiro momento, a análise de uma fonte pictórica da época. A tela é um retrato de Frans Post executada por Frans Hals², um pintor batavo nascido em Antuérpia que mais

² Segundo Seymour Slive “Frans Hals, que, exceção feita a Rembrandt, é o maior responsável pela celebridade da pintura holandesa, provavelmente nasceu em Antuérpia entre 1582 e 1583. (...) Em 1610, Hals foi admitido como mestre-pintor na Guilda de São Lucas em Haarlem.” (SLIVE, 1998. p. 28). Ainda sobre a vida de Hals, Gombrich nos revela: “Hals pertenceu à mesma geração de Rubens. Seus pais tinham deixado o sul dos Países Baixos porque eram protestantes, e instalaram-se na cidade holandesa

tarde migrou com a sua família para Haarlem, nos Países Baixos setentrionais, pois com a invasão militar e a tomada da Antuérpia pelos espanhóis, várias famílias fizeram o mesmo. O retrato de Frans Post segue o “padrão Hals³” sendo bem trabalhada com pinceladas fortes, rápidas e marcantes, bem ao estilo técnico imprimido por Hals em vários retratos pintados por este artista.

Para entendermos melhor o “padrão Hals” vejamos uma passagem do texto do historiador da arte E. H. Gombrich:

Os retratos de Hals dão-nos a impressão de que o pintor “capta” seus modelos num momento característico, fixando-os para sempre na tela. É difícil imaginarmos como essas pinturas audaciosas e não-convencionais devem ter impressionado o público. A própria maneira como Hals manipula a tinta e o pincel sugere que ele registrou rapidamente uma impressão fugidia. (...). Parece que testemunhamos seu ágil e rápido manuseio do pincel, através do qual faz surgir a imagem de um cabelo revoltado ou de uma manga enrugada, com algumas pinceladas de tinta clara ou escura. É claro, a impressão que Hals nos dá, a de que viu o seu modelo num relance, num movimento e humor característicos, jamais seria obtida sem um esforço muito aprimorado. (GOMBRICH, 1999. p. 416).

No retrato de Frans Post, FransHals o representa com um leve tom de seriedade. A imagem é mais complexa do que pode parecer. Para alguns, o rosto de Frans Post pode carregar um leve sorriso, mas numa observação mais acurada o rosto de Post não se deixa enganar, ele está com o semblante sério, um olhar quase distante. Contrariando em muito a grande parte da produção feita por Hals, este artista é especialista em retratos individuais e de grupo onde representa homens e mulheres em estado sorridente e com o corpo em pose descontraída⁴.

Dentro desta discussão, o retrato de Frans Post seria um bom exemplo daquilo que Gombrich chama atenção na produção de FransHals, uma representação que está em perfeita sintonia com o “padrão Hals”, identificado por nós: “Parece que testemunhamos seu ágil e rápido manuseio do pincel, através do qual faz surgir a imagem de um cabelo revoltado ou de uma manga enrugada” (GOMBRICH, 1999. p. 416); um retrato rápido, de

Haarlem. Pouco sabemos sobre a sua vida, exceto que estava frequentemente endividado com o padeiro ou o sapateiro. Em sua velhice – viveu mais de 80 anos – foi-lhe concedida uma pequena pensão pelo Asilo Municipal de Velhos, cuja junta de provedores ele pintara.” (GOMBRICH, 1999. p. 414).

³ O padrão Hals foi identificado/batizado por nós nesta pesquisa, pois achamos haver uma padronização na forma como este artista utiliza suas pinceladas num trabalho muito forte para representar suas personagensretratadas. Logo, quando Hals pinta Frans Post, ele segue o mesmo modo, a mesma forma, a mesma técnica de pintar na qual já estava acostumado.

⁴ Vale lembrar que dependendo da encomenda que era feita ao artista, o desejo do cliente de decidir como apareceria na imagem tem que ser levado em consideração. Na maioria das imagens que FransHals executou durante sua longa carreira muitos retratos foram feitos com personagens em estado jocoso; mas Hals também retratou pessoas com o semblante mais sério, o caso de Post se encaixa aí.

pinceladas firmes que capta uma essência fugidia do retratado. Um momento eternizado numa tela.

**Figura 1 - Retrato de Frans Post. 1655.
FransHals. óleo sobre madeira. 27,5 x 23 cm.**



Fonte: Worcester ArtMuseum, Massachusett

Com uma luz central incidindo sobre o rosto de Post, a face do retratado nos é apresentada. Partindo do retrato de Frans Post a hipótese que levantamos é que Post quis ser retratado como um homem sério, mas sereno. A roupa negra denuncia a posição social de um homem de negócios. Na segunda metade do século XVII neerlandês era comum a representação de pessoas por meio de retratos: “Muito mercador bem-sucedido queria legar sua imagem aos vindouros; muito burguês respeitável que fora eleito vereador ou burgomestre desejava ser pintado com as insígnias do seu cargo.” (GOMBRICH, 1999. p. 413). Seguindo a regra do momento, Post recorreu à técnica de Hals para ser imortalizado

num retrato. O cabelo “desgrenhado” poderia nos dias de hoje⁵ deixar uma má impressão sobre o desleixo com sua aparência.

Frans Post é uma personagem mais “íntima” dos historiadores brasileiros quando o assunto é século XVII, Brasil holandês e história das artes e paisagem. Para Daniel Vieira “Frans Post tornou-se mais conhecido do público pernambucano, graças à monografia de Joaquim Sousa-Leão Filho” (VIEIRA, 2009. p. 1395). Em 1937, ano de lançamento da monografia do embaixador Sousa-Leão⁶, o público brasileiro começa a conhecê-lo melhor.

Duas das melhores interpretações feitas do retrato de Post foram realizadas pelos historiadores Sousa-Leão e Leonardo Dantas Silva. O maior estudioso da vida e obra de Post, o próprio Sousa-Leão, nos conta:

É pouco como ‘curriculum vitae’, mas resta-nos, por sorte, a imagem física e psicológica de Post, captada pelo mágico retratista da Holanda social. Ficamos conhecendo pelo quadro de Hals, um burguês de olhar inteligente e bem humorado, de espessa face bonachona e cabeleira hirsuta, sob negro feltro de copa afunilada, vestes em monocromática austeridade. (SOUSA-LEÃO, 1937. p. 19).

Para Sousa-Leão, Frans Post tinha um currículo muito curto até a sua chegada à capitania de Pernambuco. Eram escassos os fatos históricos da vida de Frans Post. Pouco se sabe sobre sua biografia antes dos sete anos, entre 1637 e 1644, em que viveu na colônia. Porém, com uma vasta produção pictórica, ao desembarcar na América, ficou mais fácil problematizar a vida do artista por meio do seu trabalho.

Contudo, com um trunfo pictórico muito importante para uma análise – que é a pintura de Frans Hals – a imagem que ora estudamos nos dá subsídio para entender e conhecer melhor o pintor. Com uma análise bem acabada do retrato de Frans Post, Sousa-Leão interpretou a imagem e chegou ao homem. Sousa-Leão nos brinda com uma explicação plausível sobre o nosso personagem.

O retrato mostra-nos o rosto do homem de 43 anos. Não é um belo rosto, e Frans Hals não esconde do espectador a fealdade de Post; o homem que temos diante de nós é real, um ser humano despido, apresentado com as insígnias da burguesia neerlandesa e olhar penetrante. É um enigma para o espectador.

⁵ Anacronismos à parte.

⁶ “Frans Post, seus quadros brasileiros” 1937, Publicado pelo Estado de Pernambuco no ano comemorativo do 3º centenário da chegada de Maurício de Nassau e de Frans Post ao Brasil.

Outra interpretação muito interessante sobre o retrato de Post foi realizada por Leonardo Dantas Silva, tomando como referência o texto do embaixador Sousa-Leão, ele nos conta:

Um quarentão de espessa face bonachona e cabeleira hirsuta, o olhar penetrante e bem humorado, sob o negro feltro de copa afunilada. Pelo esmero no trajar a mão enluvada denotando trato social e boas maneiras – diríamos um burguês endinheirado. Mas as sobranceiras arqueadas, os olhos bem separados, de quem sabe ver, explicam o artista delicado e minucioso que na obra revelou-se. Se é pouco o que se sabe do seu curriculum vitae, resta-nos, por sorte, a imagem física e psicológica do homem, captada pelo mágico retratista da Holanda social. (SILVA, 2011. p. 255).

A análise feita por Dantas Silva é reveladora para conhecer melhor Frans Post. Um homem bem sucedido na *Lukasgilde*⁷ que teve o privilégio de conviver e ser retratado por Hals: “Frans Post mereceu a honra de ser um dos pintores de sua época retratados por Frans Hals, um dos importantes retratistas de seu tempo.” (SILVA, 2011. p. 255). A sua filiação na Guilda de São Lucas vai de certa forma abrir portas a Frans Post, a Guilda de São Lucas era uma importante confraria de pintores de Haarlem. Essa instituição protegia seus filiados com pensões em caso de invalidez ou velhice. É nesta instituição que Post vai travar contato com Hals.

Frans Post viveu 68 anos (1612-1680), nascido na cidade de Haarlem na Holanda, “Desde de jovem pode ser educado na vocação de desenhista no ateliê do pai, Jan Janszoon Post, pintor de vitrais. Consta que também foi discípulo de Van Dyck.” (SOUSA-LEÃO, 1937. p. 19). Segundo o historiador Dantas Silva, “Nasceu Frans Janszoon Post na cidade de Haarlem, Holanda, em 1612, sendo filho do pintor de vitrais Jan Janszoon Post e de sua mulher Francyntie Peters, cujo casamento aconteceu em 1604, sendo ambos naturais de Leiden.” (SILVA, 2011. p. 251). Frans Post era o terceiro filho do total de 4 filhos. “Pouco se sabe de sua formação acadêmica, tão somente que cresceu na cidade de Haarlem, uma das mais prósperas da província de Flandres, célebre por suas corporações de artistas.” (SILVA, 2011. p. 251).

Frans Post chega na colônia americana no ano de 1637, acompanhando a comitiva do Príncipe de Nassau. Segundo José Roberto Teixeira Leite, “Tinha Post 24 anos quando embarcou com Nassau para o Brasil, onde ‘acompanhou o governador nas suas campanhas,

⁷ “In 1646, he joined the *Lukasgilde*, a community of painters in Haarlem.” (ERKAN, 2012. p. 77). Importante corporação de pintores de Haarlem.

teve residência no palácio das Torres e parece ter-se tornado seu íntimo [amigo] durante todo o tempo em que aí viveram’.” (LEITE, 1983. p. 351).

Nessa empreitada atlântica, uma aventura acompanhada de muito trabalho de observar e realizar um trabalho iconográfico para Maurício de Nassau, Post é considerado pela maior parte dos pesquisadores do século XVII como principal expoente da arte realizada em domínios coloniais americanos⁸. “Frans Post é reconhecido hoje como autor de uma obra essencial, que inaugura a pintura em nosso país.” (LAGO, 2006. p. 12). Ainda sobre este tema, Frederik J. Duparc afirma:

[...] no contexto dessas séries de paisagens “estrangeiras” realizadas por artistas holandeses, a obra de Frans Post, o pintor e desenhista nascido em Haarlem, merece especial destaque. Post foi o primeiro pintor e desenhista a viajar ao Novo Mundo e tinha a incumbência de retratar a paisagem brasileira. Foi o tema exótico e completamente diferente de suas pinturas que lhe assegurou em vida um lugar especial em meio à profusão de paisagens executadas no norte da Holanda no século XVII. (DUPARC, 2006. p. 15).

O pouco que sabemos de Post advém do que se pode inferir da análise de seu trabalho com pintura. Saber quem foi o homem torna-se importante para tentar chegar o mais perto possível do modo de vida de Frans Post. Sendo os documentos tradicionais quase escassos, nos resta o trabalho deste pintor:

Os dados da vida de Frans Post são essenciais para o estudo da sua obra. No entanto, o que se sabe de sua biografia é tão pouco que, paradoxalmente, grande parte do que se pode inferir sobre Post vem justamente da análise de seu trabalho como artista. Com isso, a vida e a obra de Frans Post são mais indissociáveis do que no caso de muitos pintores com um percurso pessoal mais previsível. (LAGO, 2006. p. 21).

Depois de retornar à Holanda, Frans Post continuou fiel às paisagens colônias, o que foi um traço importante para entender melhor como ele negociou o seu trabalho. Vale lembrar que antes de ser artista de paisagens Post deveria saber negociar sua arte. Num espaço onde a concorrência era muito grande, saber barganhar o desejo por arte dos seus clientes era fundamental para continuar pintando em Haarlem. E essa hipótese pode ser percebida por meio de sua larga produção⁹.

⁸ “The official painter of the WIC, Post was charged with painting landscapes and topographical studies.” (ERKAN, 2012. p. 76).

⁹ “Naqueles tempos, como agora, o público gostava de saber o que estava comprando. Quando um pintor granjeava fama como mestre em cenas de batalhas, eram cenas de batalhas o que provavelmente ele iria vender mais daí em diante. Se tinha êxito com paisagens ao luar, era mais seguro especializar-se nisso e continuar vendendo paisagens enluaradas. Assim foi que a tendência para a especialização, que começou nos países setentrionais no século XVI, atingiu extremos ainda maiores no século XVII. Eram verdadeiros especialistas.” (GOMBRICH, 1999. p. 418).

Em 1637, ao desembarcar em Recife Frans Post foi surpreendido pelo excesso da luz, pelo verde vivo que lhe saltava aos olhos, pelos animais estranhos que deveria pintar. Uma explosão de cores deve ter impressionado o jovem pintor europeu. Aos 24 anos de idade, Frans Post tinha agora a oportunidade de fazer um trabalho exclusivo com paisagens nunca antes representadas para os europeus. Frans Post era funcionário particular de Maurício de Nassau, sendo assim, deveria fazer um trabalho que satisfizesse o seu mecenas.

Tudo isso nos leva a crer que Post e Eckhout foram escolhidos em grande parte em função do papel que viriam a desempenhar como preparadores, observadores e descritores da realidade brasileira, para mais tarde dar origem às gravuras dos livros que Nassau planejava publicar desde antes de sua partida. (LAGO, 2006. p. 27).

Já existia o plano por parte de Nassau¹⁰ e o desejo de, no regresso à Holanda, erigir para si um lugar de memória a partir de obras literárias de arte e ciência nunca antes vistas no Velho Mundo. Durante sete anos de vivência na colônia (1637-1644), João Maurício de Nassau-Sieger reuniu inúmeros objetos da terra, ou seja, material necessário para colocar em prática um plano editorial no regresso à Holanda com a finalidade de divulgar esta parte do Novo Mundo para a Europa de então.

Neste caso, o trabalho de Frans Post por meio dos seus óleos e desenhos, era colocar o nome do Príncipe Maurício de Nassau no seletivo circuito dos homens ilustrados, patrocinadores da cultura e da ciência. Este foi um plano muito bem executado por todas as pessoas envolvidas na campanha militar e administrativa de Nassau.

Um dos pontos mais explorados por Frans Post para o seu trabalho de arte e ciência é o “carregar a ponta do pincel” quando pinta o exótico nas paisagens. Vejamos o que diz Pedro e Bia C. do Lago sobre isso: “Claramente, a abordagem era a busca do exótico, do diferente, do novo, e do surpreendente, daquilo que não deixaria de excitar a curiosidade, de chamar a atenção das elites europeias.” (LAGO, 2006. p. 28).

Post sabia que pintando paisagens e cenas nunca antes vistas pelos olhos dos europeus, dando ao público plantas tropicais, a várzea da colônia de Pernambuco, os homens e mulheres “estranhos” à sociedade, os vários tipos de animais, tais imagens seriam um estrondoso sucesso no mundo europeu “Post procurou tornar conhecidos da metrópole,

¹⁰Segundo o professor TolgaErkan, eleinforma: “In 1647, with the support by Johan Maurits, Gaspar Barléus published a book, *Rerum per Octennium in Brasília*, which publicizes Maurits achievements as well as the battles, major Dutch Cities, flora, fauna and numerous maps in Brazil.” (ERKAN, 2012. p. 77).

os aspectos exóticos do Novo Mundo, até então não abordados pela arte da pintura [holandesa].” (SOUSA-LEÃO, 1937. p. 16).

Para Leonardo Dantas Silva, Post criou assim “seu próprio estilo. Os seus anos no Brasil, em contato direto com a natureza primitiva, longe dos estúdios e da paisagem europeia, o transformaram num artista singular.” (SILVA, 2011. p. 254).

Com uma experiência de quase uma década no espaço colonial, Post coligiu um grandioso material de estudo o qual lhe serviu muito quando voltou à Europa em 1644. “Os sete anos de Brasil mudaram completamente a maneira de o jovem pintor observar a paisagem. Seus olhos se tornaram fascinados pelo nosso céu e pelo verde de nossas matas e canaviais.” (SILVA, 2011. p. 256). A estadia americana foi extremamente válida para definir de vez toda produção de Frans Post ao longo dos anos.

De volta a Haarlem, Post começa a trabalhar nas gravuras que iriam ilustrar o livro de Barlaeus que conta os feitos da administração colonial do Príncipe Maurício de Nassau, na América. A obra conta com 55 estampas, ou seja, desenhos das províncias ocupadas pelos holandeses. Na sua maioria mostram as vilas, os fortes, as povoações e cidades de todas as capitânicas conquistadas. Frans Post era o homem certo para realizar os desenhos do livro de Barlaeus, pois esteve durante sete anos na América. Tinha coligido um fabuloso arquivo visual da colônia. Sabia descrever a terra por meio visual, João Maurício de Nassau não poderia recorrer a outro artista se não Frans Post. “Em julho de 1644, já estabelecido em Haarlem, fixa residência na Smeeststraat e dá início à gravação das ilustrações a serem utilizadas no livro de Caspar van Baerle, contando pormenores do governo de João Maurício de Nassau no Brasil (1637-1644).” (SILVA, 2011. p. 243). O livro foi editado na cidade de Amsterdam, no ano de 1647, pelo impressor João Blaeu. Depois de um ano trabalhando nas paisagens que iria ilustrar o livro memorável de Nassau, Dantas Silva nos conta:

Concluídos os trabalhos de ilustração do livro de Gaspar Barlaeus, em 1645, Frans Post continuou produzindo em Haarlem, não mais voltando a trabalhar para o seu antigo patrono. Em 30 de novembro de 1644, ele já se intitulava ‘ex-pintor’ (Gewesen e Schilder) de Johan Maurits, muito embora só venha ingressar como membro da Corporação de St. Lukasgilde de Haarlem, em 1646. (SILVA, 2011. p. 253).

Com o ingresso como membro pintor na Lukasgilde, o seu trabalho como artista/pintor de paisagens vai sofrer maiores influências do padrão holandês que estava em vigência naquela época. Para tanto: “As recordações luminosas tornam-se menos seguras, os

toques mais fluidos, os horizontes mais suaves: em suma, a primitiva observação direta cede lugar ao *metier*, à mestria adquirida. Em outras palavras, sua obra perde em originalidade e em força, para ganhar em virtuosismo.” (SOUSA-LEÃO, 1937, p. 22).

Sendo um pintor que participava do dia-a-dia artístico de Haarlem, Frans Post foi membro ativo na Lukasgilde, corporação de pintores que já tinha um histórico familiar, pois seu irmão Pieter Post era membro desde 1623. Frans Post foi atuante, ocupou a vaga administrativa na Lukasgilde por dois momentos: procurador (*vinder*) de 1656-1657 e de tesoureiro entre 1658 a 1659. (SILVA, 2011. p. 253).

Casando-se com Jonnetey e Bogaert, em 27 de março de 1650, na igreja protestante de Sandvoort, tornou-se pai de três filhos: Anthoni, nascido a 10 de janeiro de 1655; Jan, a 12 de março de 1656, e Rachel, a 4 de janeiro de 1660. (2011. p. 254).

Depois de perdas severas na vida, como a morte da mulher, Post se entrega à tristeza profunda, e com traços de depressão, torna-se alcoólatra. Segundo Dantas Silva:

A solidão, com a morte da mulher e o afastamento dos amigos, em muito contribuiu para o abreviamento dos seus dias. Os excessos do vício minaram sua capacidade criadora, contribuindo para a decadência e mediocridade de seus trabalhos. Foi o álcool que o impediu de assistir à entrega dos seus próprios quadros, em 1679, a Luís XIV, Rei de França, negociados que foram pelo Príncipe João Maurício de Nassau. (SILVA, 2011, p. 255).

Com decadência física do corpo e moral, o homem abalado pelo vício do álcool fica visível o declínio de qualidade na sua obra. Post não recebe maiores encomendas e as poucas que chegam o artista entrega com pouca segurança técnica. As paisagens já não mostram mais a beleza da paisagem tropical. Tudo o que vemos são pinceladas fortes, porém pouco nítidas do que foi no passado um poderoso trabalho da arte holandesa¹¹.

**Figura 2 - Paisagem com figuras. Sem data. Frans Post.
Óleo sobre madeira. 7,9 x 11,4 cm.**

¹¹ “Post continued to paint Brazilian Scenes in his studio for the rest of his life.” (ERKAN, 2012. p. 77).



Fonte: Instituto Ricardo Brennand, Recife.

O quadro *Paisagem com figuras* (sem data), atualmente no Instituto Ricardo Brennand, mostra uma paisagem escura. Nada no quadro é nítido, com pinceladas fortes mostra a degradação do trabalho que no passado foi vigoroso. Depois de anos de sofrimento, Frans Post morre em Haarlem, no dia 18 de fevereiro de 1680, foi sepultado na Grotekerk de Haarlem.

De seus pesquisadores, Frans Post recebe vários adjetivos tais como podemos citar: ótimo miniaturista, pintor viajante, artista em deslocamento, pintor brilhante. Mas além de tudo isso, Frans Post é conhecido como pintor da corte de um príncipe que queria ser reconhecido como grande administrador e mecenas numa Europa que valorizava o potentado.

Post tinha a seu favor, como artista, a experiência de ter vivido a aventura colonial. Aqui viveu por sete anos, fazendo desenhos de batalhas terrestres¹², estudos preparatórios de plantas e animais. Queria descrever a nova terra. As telas que pintou o tornaram nome célebre entre os historiadores, ao narrar, de certa forma, a história do Brasil.

Ainda vale citar aqui uma opinião que podemos considerar a fortuna crítica sobre o pintor:

¹² No catálogo dos do Lago o desenho tem numeração {D 20} e encontra-se na página 382. “A batalha de Porto Calvo” tinta marrom com aguada cinza sobre papel, 19 x 42 cm. Coleção particular em Amsterdã desde de 1990.

A qualidade do trabalho de Frans Post é discutida por vários autores. Uns concordam com a superioridade de suas pinturas. Outros, com teorias ultrapassadas, chegam a conclusão que Post teria um trabalho pífio para os padrões da pintura holandesa de paisagem, com uma posição bem definida sobre a qualidade da técnica usada por esse pintor. Alexander Von Humboldt fala que Post tem “o mérito da invenção em termos da pintura de paisagem e estudo da natureza” (HUMBOUDT apud LAGO, 2006. pp. 9-10). Já Pedro e Bia C. do Lago falam do “talentoso artista e o extraordinário miniaturalista que foi Frans Post”, e ainda, segundo os autores, eles realçam a técnica e o trabalho do mesmo artista: “as paisagens de Post são muito parecidas com as de seus contemporâneos, tanto em termos de paleta quanto de composição”. As afirmativas a respeito das produções de Post ressaltam sua importância como artista de pintura de paisagem para a arte brasileira. (OLIVEIRA, 2012. p. 66).

A opinião expressada aqui condensa em muito o pensamento dos vários pesquisadores sobre a obra que Frans Post realizou na América – uma série de 18 paisagens, das quais hoje só nos restaram apenas 7 telas. Quando retornou à Europa continuou pintando temas americanos. A paisagem da experiência colonial nunca saíria da sua memória, o que o levou a legar uma produção de 158 telas conhecidas, todas estas com a paisagem do norte da América portuguesa, que fora, momentaneamente, holandesa.

Incumbido por Nassau de pintar as possessões coloniais, Frans Post representou a várzea das terras conquistadas, as ruínas de Olinda, os negros em cenas de festas e batuques, pintou répteis, aves, mamíferos, a pindoba¹³ e vários tipos de vegetais. Nas suas imagens podemos ver uma profusão de temas tropicais que são muito próximos de nós. As representações erigidas por Frans Post são as imagens de um espaço que foi, que é, e será lembrado por meio de sua palheta, da ponta do pincel que utilizou para dar traços tão descritivos do mundo. Ele investiu em dezenas de telas, na monumentalização de um espaço que corresponde aos seus poucos anos de estadia nos trópicos e a pouco menos de um quarto de século de presença holandesa. São imagens de colonos, do horizonte com terras ao perder da vista, de uma terra que foi palco de lutas entre os colonos portugueses e neerlandeses que se constituiu como Brasil, constituindo o resultado de uma configuração de memória a partir da cultura visual, a qual, pautada como gênero da paisagem, construiu um olhar holandês sobre o mundo tropical.

¹³ Espécie de palmeira nativa bastante representada por Frans Post em muitas telas.

REFERÊNCIAS

- ALPERS, Svetlana. *A Arte de Descrver: A Arte Holandesa no Século XVII*. Trad. de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 1999.
- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Tradução de Estela dos S. Abreu e Cláudia C. Santoro – Campinas, SP: Papirus, 1993.
- BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*; tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva. 2006.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *O ofício de historiador*. Prefácio de Jacques Le Goff; tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.
- BOOGAART, Ernst van den. As perspectivas da Holanda e do Brasil do “Tempo dos flamengos”. In: *Brasil Holandês: história, memória e patrimônio compartilhado*. VIEIRA, Hugo C.; GALVÃO, Nara N. Pires.& SILVA, Leonardo Dantas. (Org.). São Paulo: Alameda, 2012.
- _____. Realismo pictórico e Nação: as pinturas brasileiras de Frans Post. In: TOSTES, Vera Lúcia Bottrel e BENCHETRIT, Sarah Fassa (Org.). *A Presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Livro do Museu Histórico Nacional, 2004.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução de Vera M. Xavier dos Santos. Bauru, SP: EDUSC. 2004.
- DUPARC. Frederik J. Frans Post na pintura holandesa do século XVII. In: LAGO, Pedro e Bia Corrêa do. *Frans Post (1612-1680): obra completa*. Rio de Janeiro: Capivara, 2006.
- ERKAN, Tolga. As paisagens imaginárias de Frans Post. In: *Mneme – Revista de Humanidades*, Caicó: 13 (31), 2012.
- FRANCASTEL, Pierre. *A realidade figurativa*. Tradução de Mary A. L. de Barros. 3. ed., São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FRANÇA, Jean M. Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: antologia de textos (1591-1808)*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Unesp, 2012.
- FREEDBERG, David. “Ciência, comércio e arte” In: HERKENHOFF, Paulo (Org.). *O Brasil e os Holandeses, 1630-1654*. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.
- GOMBRICH.E.H. O espelho da natureza: Holanda, século XVII. In: *A História da Arte*. Tradução de Álvaro Cabral; 16. ed. Rio de Janeiro. LTC, 1999.
- _____. *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*; tradução de Raul de Sá Barbosa. 4º ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- LAGO, Bia Corrêa do (Org.). *Frans Post e o Brasil holandês na coleção do Instituto Ricardo Brennand*: catálogo da exposição. Recife: Instituto Ricardo Brennand, 2003.
- LAGO, Pedro & Bia Corrêa do, *Frans Post (1612-1680): Obra Completa*. Rio de Janeiro: Capivara, 2006.

LAGO, Pedro e DUCOS, Blaise. *Frans Post: O Brasil na corte de Luís XIV*. Catálogo da exposição. Paris. Ed. 5 Continents: Museu do Louvre, 2005.

LARSEN, Erik. *Frans Post: intérprete du Brésil*. Colobris Editora Ltda. Amsterdam/Rio de Janeiro. 1962.

MARTINS COSTA, L. “A paisagem na pintura brasileira”. In: *Anuário do Museu Nacional de Belas Artes* 6, 1944.

MELLO, Evaldo Cabral de. *O Brasil holandês (1630-1654)*. São Paulo: Penguin Classics, 2010.

_____. *O negócio do Brasil: Portugal, os Países Baixos e o Nordeste 1641-1669*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Rubro veio: o imaginário da restauração pernambucana*. 3. ed., São Paulo: Alameda, 2008.

_____. *Olinda restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654*. São Paulo: Ed. 34, 2007.

_____. *Imagens do Brasil holandês 1630-1654*. Rio de Janeiro: Paço Imperial; São Paulo: Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, 1987.

MELLO, José Antônio G. de. *Tempo dos Flamengos*. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil. 5. ed. Prefácio de Gilberto Freyre, Rio de Janeiro: TopBooks, Universidade Editora. 2007.

_____. *Estudos pernambucanos: crítica e problemas de algumas fontes da história de Pernambuco*. 2. ed., Recife: FUNDARPE, 1986.

MENEZES, José L. M. *Arquitetura e Urbanismo no Recife do Conde João Maurício de Nassau*. In: *O Brasil e os holandeses, 1630-1654*. Paulo Herkenhoff (Org.). Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.

OLIVEIRA, Carla Mary S. *Frans Post e as imagens do Brasil holandês: o olhar que registra ou o traço que interpreta?* Paraíba, 2005.

_____. “Uma vila no Brasil”: Um Paraíso na Colônia aos Olhos de Frans Post? Niterói, v.10, p. 11-26, 2006.

_____. Sobre o olhar, a arte e a história: questões para o historiador da arte. In: *SAECULUM – Revista de História*, nº 21; João Pessoa, jul./dez. 2009.

OLIVEIRA, Francisco Isaac D. de. *Imagem e Iconografia: a arte de ensinar a história*. Monografia apresentada ao curso de História. UnP, Natal: mimeo, 2009.

_____. A Iconografia De Frans Post como promotora das identidades locais: Um Olhar sobre “O Forte Ceulen No Rio Grande”. *Revista Inter-Legere*. UFRN: Número 10, jan/jun de 2012. www.cchla.ufrn.br/revistainterlegere. acesso em 20/04/2012.

ORAMAS, Luis Pérez. “Frans Post: invenção e ‘aura’ da paisagem” In: HERKENHOFF, Paulo (Org.). *O Brasil e os Holandeses, 1630-1654*. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.

PANOFSKY, Erwin. *Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da arte da Renascença*. In: *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

REVIGLIO, L. “Frans Post, o primeiro paisagista do Brasil”. *Revista do Instituto de Estudos brasileiros* 13, 1972.

VIEIRA, Hugo Coelho. Prefácio da 1ª edição do livro *Brasil Holandês: história, memória e patrimônio compartilhado*. VIEIRA, Hugo C.; GALVÃO, Nara N. Pires.& SILVA, Leonardo Dantas. (Org.). São Paulo: Alameda, 2012.

(Recebido em maio de 2015; aceito em junho de 2015)